

A crítica do sujeito e a vontade de potência em Friedrich Nietzsche

Douglas Meneghatti¹

RESUMO

Nietzsche constrói uma filosofia a partir da negação da moralidade do costume e dos valores metafísicos, apoiado sobre a dinamicidade da vida que está em constante processo de vir-a-ser. Nesse viés, pretende-se elucidar a crítica nietzschiana contra a noção tradicional de Sujeito, pois, por seu intermédio são construídas outras noções metafísicas, tais como o Ser e a Substância. O objetivo primordial é apresentar a vontade de potência como interpretação, para assim chegar a uma negação do Sujeito enquanto subjacência insolúvel e indivisível do qual são derivadas as ações humanas e construídos os fundamentos epistemológicos.

Palavras chave: Nietzsche. Vontade de potência. Sujeito.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Email: douglas_meneghatti@hotmail.com

ABSTRACT

Nietzsche constructs a philosophy based on the denial of the morality of custom and metaphysical values, supported on the dynamics of life that is in constant process of coming into being. This bias, we intend to elucidate the Nietzsche an critique against the traditional notion of subject, because, through it are built other metaphysical notions such as Being and Substance. The primary objective is to present the will to power as interpretation, thus reaching a denial Subject underlay while insoluble and indivisible which are derived from human actions and built the epistemological foundations.

Keywords: Nietzsche. Will to Power. Subject.

Introdução

E sabeis sequer o que é para mim “o mundo”? Devo mostrá-lo a vós em meu espelho? Este mundo: uma monstruosidade de força, sem início, sem fim, uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuda, [...] – Esse mundo é a vontade de potência – e nada além disso! E também vós próprios sois essa vontade de potência – e nada além disso (Fragmento Póstumo, 38 [12] junho – julho de 1885).

O conjunto de todas as coisas existentes, bem como cada singularidade existencial formam uma multiplicidade de impulsos que lutam por mais potência. Esse processo agonístico, pelo qual tudo o que existe é manifestação de hierarquia dos impulsos, ocorre, enquanto processo de vir-a-ser, devido à tendência ao aumento de potência. Nesse viés, vontade de potência é tendência a crescimento de potência, consideração que faz da vida e do mundo um fluxo dinâmico, um movimento de autossuperação, cuja diferença entre as potências faz com que os impulsos estabeleçam uma relação de poder entre si. O antagonismo entre os impulsos gera a dominação de uns sobre os outros, numa relação de tensão² que requer a resistência e nunca a aniquilação, para tanto, a vontade é contínua e não admite negação, a própria negação se torna uma afirmação da vontade que busca sempre se afirmar num jogo de forças que estão permanentemente em conflito, numa “luta” infinda que se chama existência. Nesse viés, justifica-se estudar a vontade de potência como uma forma de compreender a própria realidade.

² Segundo o professor Moura, esta tensão nunca poderá ser eliminada, visto que trata-se de uma vontade que faz com que a vida naturalmente se relacione (MOURA, 1987, p. 608).

Pode-se dizer que durante longos milênios a filosofia esteve ancorada a grandes sistemas metafísicos, de maneira que a partir de Sócrates o mundo Ocidental passou a acentuar a racionalidade em detrimento dos instintos e das paixões humanas, fator acentuado na Idade Média com a afirmação dos valores imutáveis e divinos e no Período Moderno com a exaltação da razão como fim último do homem que reduz o mundo a sua subjetividade. Nesse ponto, a proposta deste trabalho visa demonstrar a provocação filosófica de Nietzsche, o qual anuncia o fim dos fundamentos metafísicos, passando a analisar o mundo e a vida como vontade de potência.

A metafísica por muito tempo esteve ancorada sobre a noção de Sujeito, apontado como causa das motivações que impelem as ações humanas a uma teleologia. Para Nietzsche: “O sujeito (ou, falando de modo mais popular, a *alma*) foi, até o momento, o mais sólido artigo de fé sobre a terra [...]” (2002, I, § 13). Devido à sua indivisibilidade e consciência moral, o Sujeito foi tomado de forma fixa e descaracterizado em seu processo de vir-a-ser; a partir da estabilidade do conceito de Sujeito a tradição filosófica derivou a verdade enquanto princípio de causalidade e como fundamento epistemológico. Nietzsche aplica um duro golpe em tal concepção, uma vez que compreende a consciência como “[...] último e derradeiro desenvolvimento do orgânico e, por conseguinte, também o que nele é mais inacabado e menos forte” (2001, § 11).

A partir de tais constatações, o trabalho se restringe a análise da crítica de Nietzsche, bem como a construção de uma filosofia voltada para a dinamicidade da vontade de potência, que faz da vida um complexo jogo de forças que estão em permanente conflito, num jogo incessante que se chama existência.

1. As contradições metafísicas e a vontade de potência

De agora em diante, senhores filósofos, guardemo-nos bem contra a antiga, perigosa fábula conceitual que estabelece um ‘puro sujeito do conhecimento, isento de vontade, alheio à dor e ao tempo’, guardemo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como ‘razão pura’, ‘espiritualidade absoluta’, ‘conhecimento em si’; – tudo isso pede que se imagine um olho que não pode absolutamente ser imaginado, um olho voltado para nenhuma direção, no qual as forças ativas e interpretativas, as que fazem com que ver seja ver-algo, devem estar imobilizadas, ausentes; exige-se do olho, portanto, algo absurdo e sem sentido (NIETZSCHE, 2002, III, § 12).

Acima de qualquer sistema e de toda espécie de fundamentalismo, Nietzsche fora um insigne defensor da vida em todas as suas manifestações, tanto é verdade que, em seus primeiros aparecimentos, na obra *Assim falava Zaratustra*, o termo vontade de potência está diretamente relacionado com a vida (Cf. 2011, II, Da superação de si mesmo). Aos poucos a interpretação nietzschiana ampliará o “conceito” para uma visão cosmológica, para a qual estamos interessados nesse momento, destarte, é justo ressaltar que, se critica a moralidade do costume, a existência submissa, o modo de viver reativo dos escravos, o niilismo enquanto voltado para ideais ascéticos e tantas outras coisas, é porque percebe que possuem um caráter degenerativo contra a vida. Não seria absurdo afirmar que foi um dos filósofos que mais valorizou a vida enquanto força ativa e jovial em sua dimensão artística. A arte é um elemento imprescindível da sua Filosofia, a mesma, enquanto expressão do fluxo dinâmico e da multiplicidade possibilita a fuga das velhas convicções metafísicas, deixando em suspenso o Sujeito indivisível tão caro a tradição filosófica.

Nietzsche quer demonstrar os absurdos e as contradições das “antigas fábulas” conceituais pautadas sobre entidades ontológicas, princípios lógicos, enfim, sobre as conhecidas metanarrativas construídas no decorrer da história da filosofia. Em oposição aos “sistemas tradicionais” busca construir sua filosofia a partir de uma visão cosmológica que não admite sequer um instante de Ser, uma vez que o devir é um constante fluxo sem ponto de partida e de chegada. O mundo é assim uma multiplicidade de forças que divergem entre si num processo agonístico de luta, pelo qual tudo o que existe é manifestação de hierarquia de impulsos que lutam entre si por mais potência, no processo devir-a-ser. A vontade de potência é assim tendência a crescimento de potência, sendo que a diferença entre as forças gera um antagonismo que não admite a rigidez de um Sujeito indivisível como fundamento do mundo e da existência.

É importante salientar que todo o organismo vivo é possuidor de vontade de potência; pois precisa crescer, resistir e jogar, não por moralidade ou imoralidade, mas porque vive e a vida é um processo contínuo de autossuperação. Por não admitirem certezas indefectíveis e nem causalidade nas ações, os impulsos estabelecem uma relação de poder entre si que é originada pela diferença, em detrimento da unidade e da finalidade. Assim, a vontade de potência desvincula-se da fixidez metafísica da noção de Sujeito, para destruir a afirmação do eu como causa das ações e como sustentáculo de uma verdade epistemológica.

O conceito de potência requer a resistência que está ligada a dinamicidade e não à conservação; lembrando que, o antagonismo entre as forças leva ao domínio de uma potência sobre a outra, mas nunca ao aniquilamento de potência, assim, o fortalecimento de uma resistência implica necessariamente o enfraquecimento

de outra. O que leva Nietzsche a afirmar: “Grande, no homem, é ele ser uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma *passagem* e um *declínio*” (2011, Prólogo, § 4). O jogo nunca cessa, pois o homem é uma ponte que está em constante superação, de modo que o conflito passa a estar intimamente ligado ao crescimento humano, à superação das resistências, afirmação que novamente contraria a noção tradicional de Sujeito.

Fica assim esclarecido que a realidade apresenta-se de forma dinâmica, cuja “vontade de potência” exclui qualquer possibilidade de uma essência pré-definida para o Sujeito que se desfaz em meio à multiplicidade de impulsos, estabelecidos a partir duma relação de poder entre si. A vida, antes afirmada por imperativos categóricos e por preceitos metafísico-religiosos, torna-se um processo agonístico e ao mesmo tempo inventivo, por intermédio da qual, cada acontecimento é fruto de um jogo de forças que busca superioridade.

2. A negação do Sujeito como causa e a afirmação do vir-a-ser

O desconhecido, o intuitivo, o imediato, o instintivo sempre foram motivos de pavor entre os seres humanos. A razão sempre busca uma causa como forma de explicação para os eventos e para as ações, segundo Nietzsche: “Fazer remontar algo desconhecido a algo conhecido alivia, tranquiliza, satisfaz e, além disso, proporciona um sentimento de poder” (2006, VI, § 5); desse modo, o mundo acaba sendo organizado num nexo de relações causais que asseguram a existência do princípio da causalidade. Entretanto, Nietzsche prescinde do princípio de causalidade, pois o impulso não se distingue de suas manifestações: não é causa, não produz efeito. Assim, o aumento e o decréscimo de potência ocorrem con-

comitantemente, sem que haja necessidade de uma relação convergente entre ambos.

Considerando que a crença na causalidade está por detrás da construção de vários conceitos metafísicos, pode-se dizer que a própria noção de Sujeito nasce de um erro habitual de confundir a consequência com a causa, a saber, que tradicionalmente o Sujeito subjaz as ações, aplicando-lhe intencionalidade. A questão é que para Nietzsche tudo isso não passa de um erro habitual de confundir a consequência com a causa. Nessa perspectiva, a própria consciência humana é vista como motivadora das ações, fator que dá ao homem total responsabilidade por seus atos mediante uma “consciência metafísica” da qual são derivadas todas as ações. Assim acaba-se por pensar que a vontade é a causa dos atos humanos, sendo a consciência, causa da vontade e o “Eu” ou o “Sujeito” causa da consciência.³ Entrementes, Nietzsche critica ferrenhamente a tradição metafísica apoiada nas ideias de causalidade e finalismo, para tanto reclama o reestabelecimento do vir-a-ser:

O fato de que ninguém mais é feito responsável, de que o modo do ser não pode ser remontado a uma *causa* prima, de que o mundo não é uma unidade nem como um *sensorium* nem como ‘espírito’, *apenas isto é a grande libertação* – somente com isso é novamente estabelecida a *inocência do vir-a-ser* [...] (NIETZSCHE, 2006, VI, § 8).

Em nome do devir o filósofo Alemão nega a existência de uma causa primeira; como já fora evidenciado, a vida é marcada por uma multiplicidade de forças relacionadas entre si, que bus-

³ Tais afirmações são assim descritas no Crepúsculo dos Ídolos: “O homem projetou para fora de si os seus três ‘fatos interiores’, aquilo em que acreditava mais firmemente, a vontade, o espírito e Eu –extraiu a noção de ser da noção de Eu, pondo as ‘coisas’ como existentes à sua imagem, conforme sua noção do Eu como causa” (NIETZSCHE, 2006, VI, § 3).

cam a superação e a expansão de potência. Consequentemente, tem-se negação de um Sujeito preexistente e fixo, de modo que o indivíduo perde sua fixidez metafísica, passando a aceitar o intuitivo e o ilógico; assim, a vida passa a ser reverenciada em sua plenitude, porque a complexidade vital não pode ser restrita a apenas um âmbito da existência.

Nietzsche evidência que o conceito de Sujeito se sobrepôs ao mundo de forma dogmática pela metafísica tradicional, a seu ver a solidificação desse conceito se deve meramente a construção linguística e a generalizações apressadas que advém como narcotizantes da capacidade reflexiva do ser humano. Segundo Frezzatti (*apud*, BATTISTI, p. 227) Nietzsche atinge a noção de Sujeito considerando os seguintes aspectos: o Sujeito enquanto substância, enquanto verdade ou fundamento epistemológico, enquanto causa do pensar, enquanto consciência e enquanto portador de vontade livre.

A questão é que a vontade de potência contraria as noções tradicionais de sujeito, deixando a tradição metafísica desamparada, pois a negação do conceito de sujeito implica uma revolução gnosiológica, ética e ontológica. Assim, o mundo e a existência acabam perdendo a sua rigidez metafísica, abrindo espaço para o processo de vir-a-ser e o perspectivismo⁴, evidenciados através da máxima nietzschiana “[...] não há fatos, apenas interpretações” (Fragmento Póstumo, 7 [60] do fim de 1886 – primavera de 1887). Por intermédio da afirmação do perspectivismo, compreendido como interpretação, Nietzsche opõe-se ao subjetivismo moderno e consequentemente aos valores morais, uma vez que, a seu ver:

⁴ Para Roberto Machado, (Cf. 1999, p. 94) a partir de uma interpretação particular surgem infinitudes de interpretações, por isso, é ingenuidade pensar que uma única interpretação do mundo é legítima. O conhecimento é perspectivo e as perspectivas são inúmeras, assim, não existem interpretações seguras, mas uma multiplicidade de interpretações oriundas da vida enquanto vontade de potência.

“Não existem fenômenos morais, mas somente uma interpretação moral dos fenômenos” (2005, IV, § 108).

A partir da noção de perspectivismo enquanto interpretação é possível compreender a crítica nietzschiana aos conceitos metafísicos de verdade e de moral. O Sujeito insolúvel e indivisível construído pela tradição filosófica dissolve-se frente às possibilidades múltiplas de interpretação, que, em última instância também são vontade de potência. Para Deleuze (Cf. 2001, p. 82-83) é a própria vontade de potência que interpreta e avalia, a saber, que interpretar é determinar a força que dá um sentido às coisas e avaliar é determinar a vontade de potência que dá um valor às coisas. A partir de tais considerações, é possível concluir que a vontade de potência, devido à sua natureza múltipla e interpretativa, dissolve a noção tradicional de Sujeito, deixando o mundo contemporâneo a mercê de novas construções filosóficas, não mais pautadas sobre entidades e conceitos metafísicos, mas sobre possibilidades diversas de interpretações derivadas do mundo enquanto vontade de potência.

Em suma, a natureza é constituída por uma multiplicidade de forças que estão permanentemente em conflito. Essa tensão entre as forças é entendida por Nietzsche como vontade de potência, que de modo algum possui conotação ontológica, sendo, antes de tudo, um conceito de relação que requer a resistência. Assim, Nietzsche “destrói” a construção conceitual de um Sujeito como subjacência, daí suas ferrenhas críticas ao idealismo e aos imperativos categóricos, em suma, a todos os sistemas metafísicos voltados à uma transcendência vertical como sentido último para a existência. Reclama a valorização da vida em sua imanência enquanto possibilidade múltipla de interpretações, primando pelo amor ao “corpo e

a terra” em detrimento dos ideais ascéticos guiados por esperanças na “vida eterna” ou em “outro mundo”.

3. Conclusão

Viver é interpretar e interpretar é avaliar, eis a máxima nietzschiana, de onde surge o perspectivismo como possibilidades múltiplas de interpretações, oriundas da vontade de potência. Os impulsos são dinâmicos e antagônicos entre si, o que gera uma relação de tensão e uma contínua superação das resistências, por meio das quais a fixidez ontológica do “eu como causa” perde seu sustentáculo; como consequência, o devir passa a caracterizar o mundo que deixa de ter uma definição acabada. A vida, antes enquadrada em princípios e conceitos, passa a ser compreendida como dinamicidade, o que torna a arte um elemento fundamental da filosofia nietzschiana, daí a crítica aos sistemas filosóficos tradicionais que acabam por reduzir a vida numa instância fixa, a uma finalidade qualquer. Nietzsche assegura: “[...] – é absurdo querer empurrar o seu ser para uma finalidade qualquer. *Nós* é que inventamos o conceito de finalidade: na realidade *não* se encontra finalidade (2006, VI, § 8).

A lógica sobre a qual brotou a filosofia ocidental a partir de Sócrates foi alvo de imensas críticas de Nietzsche. A verdade tão cara à tradição filosófica torna-se mero fruto da fantasia humana, visto que os impulsos são múltiplos e não admitem uma fixidez metafísica. A não existência de conceitos enquanto fundamentos epistemológicos exige uma fuga da tradição, a filosofia a partir de então é chamada ao fluxo do “vir-a-ser”, o mundo e a existência deixam de ser sistemas lógicos e definidos. Enfim, a filosofia nietzschiana se apresenta como uma provocação aos elementos tradicionais, de maneira que o perspectivismo abre margens para interpretações

diversas que se constroem na luta entre impulsos que constituem a vontade de potência.

REFERÊNCIAS

BATTISTI. C. Org. Às voltas com a questão do sujeito - Posições e perspectivas. Cascavel: Edunioeste e Inijui, 2010.

DELEUZE. G. *Nietzsche e a filosofia*. Trad. António M. Magalhães. 2. ed. Porto – Portugal: Rés-editora, 2001.

MACHADO. R. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Paz e terra, 1999.

MOURA, C. A. R. de. A vontade de potência e a superação de si. *História do Pensamento*, São Paulo, v. 4, n. 51, 1987, 605-609 p.

NIETZSCHE. F. W. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

_____. *Além do Bem e do Mal*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*– ou como se filosofa com o martelo. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

_____. *Genealogia da moral* – uma polêmica. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

_____. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe*. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim: Walter de Gruyter & CO., 1967-1978. 15 v.

.